

ORIGEM E FUNÇÃO DOS PRONOMES COMPLEMENTOS DE 3.^a PESSOA¹

Eleni Jacques Martins

Este trabalho visa a discutir e apresentar uma possível interpretação sobre a origem e função dos pronomes de 3.^o pessoa, que são duas questões intimamente relacionadas, ou provavelmente duas perspectivas no enfoque de um mesmo problema.

Quando nos referimos à origem, nosso propósito é desvendar os mecanismos sintáticos envolvidos no surgimento desses pronomes na estrutura superficial da frase. Quando usamos o termo função, nos reportamos ao âmbito do emprego anafórico ou dêitico de **ele**, **o** e **lhe**. Anáfora e dêixis são dois conceitos já perfeitamente delimitados em lingüística, mas, quando referidos aos pronomes de 3.^o pessoa, surgem nuances e interrelações que dificultam a inclusão desses pronomes no domínio de uma ou outra função. É o que veremos a seguir.

Segundo Ronald W. Langacker, havendo, numa sentença, do's SNs co-referentes, SNa pode ser usado para pronominalizar SNp, desde que haja entre eles pelo menos um limite oracional. A pronominalização ocorre, portanto, em períodos compostos por coordenação e por subordinação. As restrições à ocorrência da regra relacionam-se com a colocação de SNa e SNp no marcador de frase.

Quando a pronominalização é progressiva, isto é, SNa precede SNp, não há restrições.

Na frase,

(1) Penélope encontrou **Ulisses** e cumprimentou **Ulisses**. A primeira ocorrência de **Ulisses** pode ser usada para pronominalizar a segunda:

¹ Esta matéria é parte da dissertação "Pronomes Pessoais Complementos de 3.^o pessoa; Revisão de Conceitos e Normas", apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa. Para desenvolver esse trabalho, utilizamos o material lingüístico do Projeto Norma Urbana Culta de Porto Alegre.

(2) Penélope encontrou **Ulisses** e cumprimentou-o.

Da mesma forma, a pronominalização progressiva é sempre possível em frases estruturadas por subordinação:

(3) Eu darei **este livro** à garota que o quer.

Quando a pronominalização é regressiva, isto é, quando SNp precede SNa, há restrições tanto para períodos compostos por coordenação como por subordinação.

Os exemplos que seguem são evidências de que a pronominalização regressiva não é possível em sentenças compostas por coordenação:

(4) * Penélope o encontrou e cumprimentou **Ulisses**.

(5) * Encontrei uma mulher que o amava e outra que odiava **Pedro**.

As frases (6) e (7) indicam que, quando o período é composto por subordinação, a pronominalização regressiva sofre restrições.

(6) A moça que o encontrou foi falar com **Pedro** no outro dia.

(7) * Diz-lhe que **este homem** não pode ir lá.

O autor citado apresenta os pronomes de 3ª pessoa como resultantes da aplicação de uma regra de pronominalização. Contudo, há dados lingüísticos que chamam atenção para a existência de um pronome de 3ª pessoa não originado dessa forma. Na música de Jorge Ben, por exemplo, é uma constante o aparecimento desse pronome sem a presença de um nome antecedente. Em "Que pena", canção da qual transcrevemos alguns versos, o nome não aparece em nenhum momento.

"Ela já não gosta mais de mim
mas eu gosto dela mesmo assim.

Que pena, que pena.

Ela já não é mais a minha pequena.

Que pena, que pena,

pois não é fácil recuperar um grande amor perdido."

A oposição desses fatos não nos auxilia, evidentemente, a optar por uma ou outra origem dos pronomes pessoais de 3ª pessoa. Ao contrário, reforçam a convicção de que eles se classificam em duas categorias. Na "Gramática Gerativa" de Perini, encontramos apoio para essa hipótese:

Nem todos os pronomes, é preciso notar, são resultado de pronominalização (...). Devem existir pronomes já na estrutura profunda, pois há frases que contêm pronomes e não um outro SN co-referente. (PERINI, 1975, p. 226)

Embora não declare isso, o autor não se refere aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, pois estes, ao que tudo indica, nunca resultam de pronominalização, como ilustram as frases de (8) a (10): ou eles têm um antecedente e são reflexivos (8), ocorrendo a reflexivização no âmbito de uma mesma oração, ou não têm antecedente (9) e (10) e, nesse caso, já estão presentes na estrutura profunda.

(8) — Eu **me** julgava feliz.

(9) — Pensei que **me** amavas.

(10) — Pequenos gestos **te** iludiram.

Como Perini, Jacobs e Rosenbaum, que o antecederam na publicação de uma gramática gerativa, não delimitam, explicitamente na 3ª pessoa, a dupla possibilidade, que também apontam, de os pronomes originarem-se na estrutura profunda ou de superfície.

"(...) pronomes entram na estrutura de superfície de duas maneiras diferentes: ou o pronome está atualmente presente na estrutura profunda ou ele é introduzido por transformação pronominal (...)" (JACOBS & ROSENBAUM, 1968, p. 219)

Vemos, pois, que a dupla origem, não dos pronomes em geral, mas especificamente da 3ª pessoa, não fica de todo esclarecida pelos lingüistas que consultamos. Muito mais escassas são as condições da gramática tradicional para tratar a questão, por faltarem-lhe os recursos teóricos necessários para tal, embora o problema se tenha sempre feito presente na hesitação dos gramáticos em definir os pronomes como **dêiticos** ou **anafóricos**, que é um aspecto relacionado com o da sua origem, como veremos mais adiante.

Nesta seção, utilizamos os dados da pesquisa para esclarecer a origem dos pronomes pessoais de 3ª pessoa, que é uma questão relevante na medida em que a ela se vinculam os aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos que determinam a oposição existente entre **ele**, **o** e **lhe** e os outros pronomes pessoais: **eu**, **me**, **mim**; **tu**, **te**, **ti**; **se**, **si**.

Observemos as frases numeradas de (11) a (14), retiradas do "corpus" da pesquisa. Nas frases (11) e (12), os pronomes surgem na estrutura de superfície, como resultado da pronominalização de um SN por outro.

(11) Ela tinha um aluno que era cego, e todo mundo tratava ele igual.

(12) Não há meios de facilitar o serviço doméstico, de maneira que a mulher que trabalha possa desempenhá-lo com eficiência.

Já nas frases (13) e (14), os pronomes não resultam de pronominalização, uma vez que não há dois SNs idênticos no período. É de supor-se, pois, que eles estão presentes na estrutura profunda.

(13) Depois, se tem futebol, a gente deixa o televisor pra ele.

(14) Deixa ela perguntar.

Cabe ainda registrar uma diferença relacionada com os pronomes das duas últimas frases. Em (13), **ele** se refere a um ser que se faz presente através do discurso; em (14), **ela** se refere a alguém que faz parte da realidade ambiental, estando, por isso, totalmente ausente do contexto lingüístico. Provisoriamente englobamos os dois na mesma categoria, porque, de qualquer forma, eles se opõem aos programas das frases (11) e (12), que resultam de pronominalização.

Nossas reflexões sobre os pronomes pessoais de 3ª pessoa não se esgotam na verificação dessa dupla origem. Elas se estendem ao problema já mencionado da função **dêitica** ou **anafórica** desses pronomes, que se mantêm como um ponto controverso das gramáticas e que não foi ainda, tanto quanto sabemos, esclarecido pelos estudiosos do português.

Mattoso Câmara é quem mais de perto aborda o tema. No artigo sobre o emprego de **ele** como acusativo, publicado na coletânea *Dispersos*, apresenta o pronome de 3ª pessoa como um substituto do nome. No "Dicionário de Filologia e Gramática", toca rapidamente no assunto, em três oportunidades pelo menos. No verbete **pronome**, aponta a diversidade de função dos pronomes, afirmando que eles indicam os seres por sua situação no espaço (dêiticos) ou no contexto (anafóricos), mas não propõe essa como uma dualidade característica da 3ª pessoa. Ao contrário, refere-se aos pronomes substantivos em geral. No verbete **pessoa**, o autor afirma que, na nossa, como nas demais linguas românicas, há uma 3ª pessoa, que substitui qualquer substantivo, ignorando, assim, a função dêitica desse pronome. Já no verbete **dêixis**, Mattoso generaliza o caráter dêitico do pronome, afirmando que ele é

"justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis, em vez de o fazer por simbolização como os nomes" (CÂMARA JR, 1964, p. 101).

Continuamos, por conseguinte, com este ponto de indecisão: ora se ressalta a **função dêitica** do pronome, ora sua **função anafórica**, para em outro momento fazer-se a união das duas possibilidades sem localizá-las na 3ª pessoa.

Pelos exemplos apresentados (frases 11, 12, 13 e 14), podemos estabelecer uma relação entre pronomes de estrutura de superfície/ **anafóricos** e pronomes de estrutura profunda/ **dêiticos**, se entendemos como anafóricos os pronomes que substituem um SN em situação de identidade com outro SN, na mesma sentença. Desse ponto de vista, nas frases (11) e (12), os pronomes **ele** e **lo** são **anafóricos** e, nas frases (13) e (14), **ela** e **ela** são **dêiticos**.

Essa classificação acarreta, entretanto, dificuldades teóricas, porque, se da análise das quatro frases, surge uma oposição dos pronomes de (11) e (12) em relação aos de (13) e (14), que nos leva a classificar estes como dêiticos, o rótulo se torna arbitrário, quando comparamos **ele** e **ela** das mesmas frases (13) e (14) com **me** e **te** das frases (9) e (10), que consideramos indiscutivelmente dêiticos. Isso porque, como explica Mattoso Câmara (artigo já citado), na referência dos pronomes de 3ª pessoa ao ser, há sempre a mediação do nome, o que nunca se verifica em relação à 1ª e 2ª pessoas, pois, neste caso, temos o que se pode chamar de dêixis em sentido estrito, isto é, na plenitude de sua função indicativa. Na frase (13), sabemos, pelo contexto lingüístico, que a informante se refere ao cunhado que se chama João (ou qualquer outro nome) e que ela poderia dizer:

(15) — Depois, se tem futebol, a gente deixa o televisor pra João.

Na frase (14), também sabemos, pelo contexto extralingüístico, que o informante se refere à professora que realiza a entrevista e que poderia dizer:

(16) — Deixa a professora perguntar.

Na "Gramática Castellana" de Amado Alonso e Pedro Ureña, a diferença entre as **duas primeiras pessoas** e a 3ª é colocada de maneira radical. Afirmando os autores que a 3ª pessoa é constituída de "qualquer substantivo ou frase substantiva mas existem também palavras especiais que apresen-

tam o objeto ou coisa de que se fala, seja qual for, em seu papel de terceira pessoa gramatical" (ALONSO & UREÑA, 1943, p. 87). Ele substitui, por exemplo, o **professor** se é dele que falamos. Está, assim, em lugar do nome e por isso se chama **pronome**. Ainda, segundo os autores, essa função que tem o pronome de 3ª pessoa, não têm os de 1ª e 2ª, mas por uma generalização terminológica, todos passaram a chamar-se **pronomes**.

Essas considerações nos obrigam a rever a classificação dos pronomes das frases (13) e (14) como **dêiticos**. Para tanto recorremos a um artigo de Hankamer e Sag, no qual os autores apontam a existência de dois tipos de anáfora, permitindo uma saída para o problema que a classificação dos pronomes das frases (13) e (14) como **dêiticos** acarreta:

a) **anáfora sintaticamente controlada**, que é um processo puramente sintático; nela o anafórico é derivado transformacionalmente, sendo necessária a existência de um antecedente idêntico na estrutura de superfície, como ocorre nos exemplos que seguem, retirados do texto em estudo.

(17) **Meu irmão** é alquimista e **ele** disse que seu cabelo cairá se você mentir.

(18) Se o **unicórnio** fosse um animal possível, **ele** certamente seria um herbívoro.

b) **anáfora pragmaticamente controlada**, que resulta de um processo anafórico profundo e não de uma transformação em nível superficial; origina-se ela da inserção, em representações sintáticas profundas, de um elemento anafórico que representa determinada unidade semântica; a condição de inserção do anafórico é que o falante presuma que o conteúdo dele pode ser recuperado a partir do contexto situacional ou a partir do próprio discurso, como nos exemplos abaixo.

(19) Hankamer attempts to stuff a 9-inch ball through a 6-inch hoop.

Sag: It's not clear that you'll be able to do it.²

(20) Eu acredito que **ele** seja um herbívoro.

² Uma tradução livre para o texto seria:
(Hankamer tenta colocar à força uma bola de 9 polegadas num arco de 6 polegadas).

Sag: Não está claro que você seja capaz de fazer isso.

O artigo de que tratamos não se refere apenas aos pronomes pessoais de 3ª pessoa. Os autores estudam a anáfora enquanto recurso amplamente usado no inglês, para evitar a redundância. Os exemplos de 3ª pessoa que apresentam são muitos com **it**, cuja equivalência com **ele** é, em alguns casos, problemática. Por isso, temos que reavaliar a correspondência entre **anáfora pragmaticamente controlada** e **dêixis** que fica implícita a partir de alguns exemplos.

No exemplo (19), o pronome **it**, que os autores chamam de anafórico pragmaticamente controlado, é, no português, um demonstrativo com função dêitica em sentido estrito e não um pronome pessoal. Na frase (20), **sim**, temos um pronome pessoal de 3ª pessoa, que podemos caracterizar como um **anafórico dêitico**, no sentido de que **ele** se relaciona com o nome (esse animal, por exemplo), sem tê-lo como antecedente sintaticamente presente e conserva, ao mesmo tempo, um caráter indicativo.

Concluimos, então, que a **dêixis**, em sentido estrito (pura indicação), não existe em relação aos pronomes pessoais de 3ª pessoa, que constituem uma alternativa para o emprego do nome, isto é, **são sempre anafóricos**:

Nossa conclusão é, repetimos, a de que os pronomes de 3ª pessoa são sempre anafóricos, embora suas características semântico-sintáticas nos levem a classificá-los em duas categorias: **anafóricos dêiticos** e **anafóricos sintáticos**. Por falta de melhor terminologia, arcamos com a contradição que possa conter a expressão **anafóricos dêiticos**.

Como decorrência dos argumentos levantados, consideramos como:

a) **anafóricos sintáticos** os pronomes de estrutura de superfície que resultam da aplicação de uma regra de pronominalização, quando há dois SNs idênticos na mesma sentença;

b) **anafóricos dêiticos** os pronomes de estrutura profunda, controlados pelo contexto situacional ou do discurso que guardam o traço **indicativo** ao lado da **substituição anafórica**.

O exame dos dados confirma a correção de nossas conclusões a respeito da 3ª pessoa. A tabela 1 não deixa dúvidas quanto à existência de duas categorias de pronomes.

TABELA 1

OCORRÊNCIAS DE ANAFÓRICOS SINTÁTICOS E ANAFÓRICOS DÉITICOS

Anafórico caso	A _s	A _d	
AC	59 73,75%	21 26,25%	80
D	21 37,50%	35 62,50%	56
	80 58,82%	56 41,18%	136

Os pronomes complementos de 3ª pessoa ocorrem como anafóricos sintáticos e como anafóricos dêiticos, sendo significativa³ a vantagem para o primeiro tipo. Num total de 136 ocorrências de pronomes, 58,82% são do tipo As e 41,18% são do tipo Ad. A tabela 1 indica, ainda, que o acusativo favorece significativamente a ocorrência de anafóricos sintáticos, pois aí temos 73,72% contra 26,25% de anafóricos dêiticos, enquanto o dativo favorece os anafóricos dêiticos, (62,50%).

Em presença dos dados, outra questão que nos pusemos foi a de se não haveria algum traço acompanhando os pronomes de 3ª pessoa em suas ocorrências como anafóricos de um e outro tipo.

As mesmas frases de (11) a (14), que transcrevemos novamente para facilitar a leitura, fornecem boa pista a esse respeito.

³ Em todas as tabelas afirmamos que as ocorrências são significativas ou não. Tais afirmações são feitas com base nos resultados dos cálculos de significância, apresentados em capítulo anterior.

(11) Ela tinha um aluno que era cego, e todo mundo tratava ele igual.

(12) Não há meios de facilitar o serviço doméstico, de maneira que a mulher que trabalha possa desempenhá-lo com eficiência.

(13) Depois, se tem futebol, a gente deixa o televisor pra ele.

(14) Deixa ela perguntar

Nas frases (11) e (12), em que se verifica a ocorrência de anáfora sintática, os pronomes se referem a seres humanos e não humanos respectivamente, enquanto nas frases (13) e (14), em que se constata a ocorrência de anáfora dêitica, os pronomes se referem a seres humanos somente.

Decidimos, então, verificar até que ponto os traços [+humano] e [-humano] se relacionam com a ocorrência de anafóricos dêiticos e sintáticos. O estudo a esse respeito foi feito a partir do manuseio dos dados exclusivamente, pois não temos conhecimento de antecedentes bibliográficos a esse respeito.

TABELA 2

TRAÇOS SEMÂNTICOS DOS ANAFÓRICOS

Anafórico Traço	As	Ad	
[+HUM]	48 48,48%	51 51,52%	99
[-HUM]	32 86,49%	5 13,51%	37
	80 58,82%	56 41,18%	136

Quando os pronomes têm o traço [+ humano] eles aparecem como **anafóricos sintáticos** e **anafóricos dêiticos**.

O mesmo não ocorre quando o traço é [- humano]. Nesse caso, em apenas 13,51% das ocorrências, eles são **anafóricos dêiticos**; no restante dos casos — 86,49%, eles são **anafóricos sintáticos**.

5.1 — Conclusão

Os dados confirmam a hipótese de que os pronomes de 3ª pessoa têm dupla origem: uns se derivam por pronominalização, surgindo na estrutura de superfície, e outros são pré-formas que já estão presentes na estrutura profunda. A essas duas categorias de pronomes correspondem dois tipos de anafóricos: os que substituem um SN co-referente a outro presente na estrutura sintática e os que se referem a uma entidade semântica que se depreende do contexto lingüístico ou extralingüístico e constituem uma alternativa ao uso do nome.

A essas duas categorias de pronomes chamamos de **anafóricos sintáticos (As)** e **anafóricos dêiticos (Ad)** respectivamente em substituição à oposição **anafóricos** e **dêiticos**, porque consideramos que o conceito de **dêixis**, que se aplica aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, não define aquela categoria de pronomes de 3ª pessoa, que se enquadram na classificação de **anafóricos dêiticos**.

Nenhum desses aspectos foi ou é do domínio da gramática tradicional do português, daí sua impossibilidade de exatidão conceitual em relação aos pronomes. Também Hankamer e Sag não determinam, no trabalho estudado, as peculiaridades da anáfora em relação aos pronomes pessoais de 3ª pessoa especificamente, uma vez que a abordam de forma ampla. Em Mattoso Câmara e na gramática de Alonso e Ureña, encontramos a indicação do caráter anafórico dos pronomes de 3ª pessoa como causa de sua oposição aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, mas sem os pormenores de todos os aspectos que determinam a oposição e sem que se indique sua existência no interior do próprio pronome de 3ª pessoa.

Dos dados teóricos e empíricos que arrolamos nesta seção, podemos deduzir que à dupla origem dos pronomes associam-se características semânticas e morfológicas que criam, dentro do sistema dos pronomes pessoais, um subsistema formado por **ele** e suas formas acusativa e dativa.

Por outro lado, a divisão encontrada nos pronomes de 3ª pessoa aponta para outro aspecto relevante da questão. Uma categoria desses pronomes permanece mais próxima do sistema dos pronomes pessoais que a outra, apesar de ambos separarem-se desse sistema por seu caráter antes de tudo anafórico. Senão vejamos: os **anafóricos dêiticos**, como os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, já estão presentes na estrutura profunda, mantêm um caráter indicativo e neles predomina o traço [+ humano]; os **anafóricos sintáticos** originam-se de pronominalização, aparecendo somente na estrutura de superfície, têm função predominantemente anafórica e aparecem com traço semântico [+ ou - humano].

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Amado & UREÑA, Pedro Henriquez. *Gramática Castellana*. 3. ed. Buenos Aires, Editorial Losada, 1943. 2v.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Ozen Editor, 1964.
- . *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr*; seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975. p. 47-69.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Madrid, Aguilar, 1971.
- HANKAMER, Jorge & SAG, Ivan. Deep and surface anaphora. *Linguistic Inquiry*, 1976, 7 (3): 391-428.
- JACOBS, Roderick & ROSENBAUM, Peter S. *English transformational grammar*. Waltham, Xerox College Publishing, 1968.
- LANGACKER, Ronald. *On pronominalization and the chain of command*. (texto mimeografado)
- PERINI, Mário A. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Editora Vigília, 1976.